

348. *Desenho de Estátua – Vénus de Milo*
1895



Carvão vegetal com apontamentos de *crayon* negro sobre papel, 62,9 × 47,6 cm

N. ass.

N. dat.

FBAUP, n.º inv. 98.1.104

MARCAS E INSCRIÇÕES:

Na frente, carimbo da Academia Portuense de Belas-Artes, n.º 2;

Parte superior esquerda, 2.º 2.º Prémio;

Parte inferior direita, *D. Amélia* [sic] *Martins de Sousa*;

No verso, *Concurso/1895/Firmino*.

EXPOSIÇÕES:

Porto, 1895, n.º 98 (título: *Desenho de Estátua - Vénus de Milo*);

Porto/Matosinhos, 2016, n.º 30 (título: *Desenho de Estátua - Vénus de Milo*), reprod. na p. 170

BIBLIOGRAFIA:

Almeida-Matos, Lúcia (coord.), *Desenho do século XIX*, 2000, reprod. na p. 64.

OBSERVAÇÕES:

Em 1895, Aurélia era aluna do 4.º ano do curso de Desenho Histórico. Esta obra foi uma das duas premiadas e obteve “o segundo segundo prémio” (20\$000 reis) no Concurso Anual de Desenho Histórico. Não tendo havido primeiro prémio, “o primeiro segundo prémio” foi ganho por Rodrigo Faria de Castro, aluno do 5.º ano e o “terceiro segundo prémio” por Acácio Lino, que frequentava o 4.º ano, tal como Aurélia.

Vénus de Milo

Cerca de 200 a 150 a.C.

O desenho retrata a famosa Vénus de Milo, uma das mais afamadas esculturas femininas da antiguidade, cujo original, de mármore corolítico, se conserva no Museu do Louvre.

Esta escultura, provavelmente inspirada num modelo mais antigo, transmite-nos um sereno

idealismo, muito característico das representações femininas de Praxíteles, ainda que se distinga pela maior fluidez do corpo. Como é característico do período helenístico, o rosto espelha uma certa feminilidade graciosa, mais humana e livre. Este original foi encontrado em abril de 1820 por um agricultor nas proximidades da cidade na ilha de Milos (ou Melos), uma pequena ilha vulcânica situada no arquipélago das Cíclades, no Mar Egeu. A importância da descoberta foi rapidamente dada a conhecer e M. Brest, um agente consular do governo francês que comunicou este achamento a M. Rivière, à data embaixador em Constantinopla. Após várias vicissitudes, este último acabaria por adquiri-la, oferecendo-a ao Rei Luís XVIII, que a envia para o Louvre com a indicação de que fosse exposta tal como foi encontrada, mutilada ao nível dos braços.

Deve realçar-se que não estamos perante uma escultura monolítica pois o suporte usado não o permitiu: num bloco foram esculpidas as pernas (a parte vestida da deusa) e o plinto que a sustenta; noutro, o torso desnudo e a cabeça; por fim, foram adicionados os braços, como sugere o vestígio de um espigão em metal num deles. Assinale-se, ainda, que o pé esquerdo e o que falta do plinto foram trabalhados a partir de outro bloco de mármore.

Como se pode ver no desenho, a deusa está desnuda até às ancas. As pernas estão cobertas com um manto que dá a sensação de admirável transparência, com o rebordo a cair por cima do joelho esquerdo, dobrado, e o pé apoiado num objeto. A deusa inclina suavemente o corpo para a frente e para o lado esquerdo do espectador. Como é característico nas esculturas femininas que representam esta deusa, o rosto possui uma beleza suave e ideal, com o cabelo encaracolado separado em duas mechas, apanhado atrás com uma fita (*tainia*), com três madeixas que lhe caem sobre a nuca.

Rui Morais